



## **ENTRE SÍTIOS, TOCAS E MONTÕES: PROPOSIÇÕES PARA GEOCONSERVAÇÃO, GEOEDUCAÇÃO E GEOTURISMO EM SÃO SEBASTIÃO, SP, BRASIL**

Ana Gabriela de Jesus Araujo <sup>1</sup>  
Nagela Fernanda dos Santos Masuda <sup>2</sup>

### **RESUMO**

O trabalho propõe a análise de práticas de geoconservação, geoeducação e geoturismo a partir de três áreas do município brasileiro de São Sebastião, SP que apresentam potencialidades de reconhecimento como Geossítios. Em especial, é apresentado o estudo de caso do sítio arqueológico São Francisco, reconhecido como lugar de memória da diáspora africana pela UNESCO e explorado por um roteiro turístico baseado na educação ambiental, patrimonial e decolonial, que destaca a interação e adaptação das técnicas construtivas à geofísica da Serra do Mar. São discutidos, com base em dados secundários a Toca do Buraco do Bicho, gruta com grande valor educativo e turístico; e a Ilha do Montão de Trigo, de paisagens singulares no litoral de São Paulo. A análise descritiva pode contribuir nas proposições sobre a gestão do uso público de UCs; para a diversificação do turismo em regiões costeiras para além do turismo de sol e praia e com as estratégias para valorização e apropriação das comunidades tradicionais caiçaras e povos de matrizes africanas; com vistas ao fomento à geoconservação e exploração qualitativa do turismo cultural antirracista.

**Palavras-chave:** Geoparque Aspirante São Sebastião; Geossítio Arqueológico São Francisco, Geoconservação, Geoeducação, Geoturismo.

### **ABSTRACT**

The study proposes an analysis of geoconservation, geoeducation, and geotourism practices in three areas within the Brazilian municipality of São Sebastião, São Paulo, which present significant potential for recognition as Geosites. Particular emphasis is given to the case study of the São Francisco archaeological site, acknowledged by UNESCO as a site of memory of the

---

1Geógrafa pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul-UFMS, Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, Doutora em Ciências do Sistema Terrestre pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais-INPE e Pós Doutoranda em Ciência Cidadã pela Universidade Federal do ABC-UFABC, [ana.gabriela@ufabc.edu.br](mailto:ana.gabriela@ufabc.edu.br);

2Geógrafa e Turismóloga pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul-UFMS, Mestre em Turismo pela Universidade de São Paulo-USP, Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD, [fernandanagelasantos@gmail.com](mailto:fernandanagelasantos@gmail.com).



African diaspora and integrated into a tourism itinerary grounded in environmental, heritage, and decolonial education. This itinerary highlights the interaction and adaptation of vernacular construction techniques to the geophysical characteristics of the Serra do Mar. Based on secondary data, the study also discusses the Toca do Buraco do Bicho cave, an area of notable educational and touristic value and Montão de Trigo Island, known for its unique coastal landscapes in the state of São Paulo. The descriptive analysis contributes to debates on public use management of protected areas, the diversification of coastal tourism beyond the traditional sun-and-beach model, and the promotion of strategies for the valorization and cultural appropriation by traditional *caiçara* communities and Afro-Brazilian groups. Ultimately, the research seeks to support geoconservation initiatives and the development of qualitative, anti-racist cultural tourism.

**Keywords:** Aspiring São Sebastião Geopark; São Francisco Archaeological Geosite; Geoconservation; Geoeducation; Geotourism.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe a análise de práticas de geoconservação, geoeducação e geoturismo a partir de três áreas do litoral norte paulista que apresentam potencialidades de reconhecimento como Geossítios, ao passo de refletirem grande relevância paisagística e cultural na interação entre ambientes geofísicos, Mata Atlântica e o oceano. Em especial, é apresentado o estudo de caso do sítio arqueológico São Francisco, encravado no alto das escarpas da Serra do Mar e explorado por um roteiro baseado na educação ambiental, patrimonial e antirracista.

Os demais Geossítios em potencial, são a Toca do Buraco do Bicho, caverna situada às margens da Rodovia Rio-Santos, e a ilha do Montão de Trigo, distante 10 km do continente, localizada na costa sul do município. Os três sítios acumulam reconhecimento popular, científico, pedagógico e turístico, ainda que não haja um robusto corpo para formas de aproveitamento turístico sustentável, rotinas pedagógicas e conservação ambiental.

A Geoconservação compreende o conjunto de práticas orientadas à proteção, gestão e valorização dos elementos geológicos que possuem relevância científica, educativa, cultural, ecológica ou estética. Essa atuação busca assegurar a preservação dos Geossítios e da Geodiversidade, tanto para fins de pesquisa e ensino, quanto para a promoção do desenvolvimento sustentável e do Geoturismo (Brilha, 2005, p. 50). Conforme o autor, a conservação da geodiversidade é componente essencial da conservação da natureza, sendo fundamental para assegurar a proteção de geossítios de valor singular.

Por definição, o Geossítio é a ocorrência de um ou mais elementos da geodiversidade (aflorantes quer em resultado da ação de processos naturais quer devido à intervenção

humana), bem delimitado geograficamente e que apresenta valor singular do ponto de visto científico, pedagógico, cultural ou turístico (Brilha, 2005, p.52); que, por sua vez expressa parcelas do geopatrimônio da Terra formado por materiais, feições, processos ou relações, deixadas como herança ou memória à humanidade e, em especial, às comunidades em cujo território de vida tais elementos ocorrem Borba (2011) e Borba e Sell (2018) .

Nesse sentido, os geossítios apresentam alto valor geocientífico e histórico, que carecem de instrumentos eficazes de proteção, gestão e valorização. Além disso, a ausência de estratégias sistematizadas de geoconservação e de educação ambiental impede que essas áreas cumpram seu potencial de suporte ao desenvolvimento sustentável local, conforme os princípios delineados pela Unesco (2023, p. 8).

Como destaca Gray (2004, p. 70), a integração entre patrimônio natural e cultural é essencial para que as ações de conservação sejam mais eficazes e para que a identidade territorial seja fortalecida. Para tanto, o objetivo geral deste trabalho consiste em descrever e analisar as atividades realizadas no sítio arqueológico São Francisco, bem como apresentar a *Toca* e o *Montão* e como potentes em se configurarem como geossítios, considerando as práticas de geoconservação, geoeducação e geoturismo relacionadas em cada local.

Como estratégia metodológica, foi utilizada a abordagem descritiva que visa apresentar de maneira detalhada as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2008, p. 42). O caso do roteiro que vem sendo operado no geossítio arqueológico São Francisco comprova como uma abordagem pautada na integração entre atributos que valorizam e exploram a biodiversidade da Mata atlântica e a memória e o (geo)patrimônio da ocupação (de)colonial na Serra do Mar, podendo viabilizar novas práticas de uso e gestão de Unidades de Conservação e turismo em diferentes segmentos.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho percorre uma análise exploratória das potencialidades das três áreas considerando as experiências em torno da educação formal e informal, museologia social e ensino de turismo em São Sebastião e região desde 2018. O acúmulo de trabalhos e pesquisas em torno da geografia regional, estudos do meio, modos de vida e estratégias de resistência das comunidades tradicionais caiçaras, monitoria ambiental e educação patrimonial permite ampliar as reflexões e o debate em torno das atividades de geoconservação, geoturismo e geoturismo em São Sebastião, como será demonstrado adiante.

Especificamente sobre o geossítio arqueológico do São Francisco, foi considerada a condução do roteiro pedagógico para as escolas da rede pública dentro do Programa de Enriquecimento Curricular da Secretaria Municipal de Educação, realizando entre agosto e dezembro de 2024 (São Sebastião, 2024). Em 2025 este roteiro continua sendo operado de forma autônoma por uma monitoria credenciada pelo PESM (Parque Estadual da Serra do Mar), via iniciativa denominada Rotas Ancestrais. Somados, os dois casos viabilizaram a visita de mais de 500 pessoas em pouco mais de um ano de operação.

Para os demais geossítios, apesar da alta frequência de visitas pela facilidade de acesso e beleza cênica; ainda não há um levantamento sistemático sobre suas potencialidades em geoconservação e geoeducação, assim como a implementação do geoturismo dentro das bases propostas pela Unesco (2023). Desta forma, este trabalho propõe uma análise descritiva baseada em dados secundários e propositiva para aprofundamentos futuros e mobilização junto à sociedade local.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O município de São Sebastião possui grande riqueza cultural, natural, paisagística e arqueológica. Parte deste patrimônio está sob o domínio de Unidades de Conservação, como o Parque Estadual da Serra do Mar/PESM (que abarca mais de 70% do município), o Refúgio de Vida Silvestre do Arquipélago de Alcatrazes e a Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral Norte/APAMLN; o que garante um arcabouço de preservação e conservação de ambientes, ecossistemas e biodiversidade notáveis em seu território. O turismo se coloca como um dos principais vetores de geração de emprego e renda de São Sebastião, sendo operado em diferentes segmentos para além do turismo de sol e praia, como o ecoturismo, turismo histórico, de esportes, de eventos, cultural e pedagógico.

Nos últimos anos, ganharam força roteiros que aliam imersões no ambiente biogeofísico, com vivências culturais junto aos povos tradicionais caiçaras e indígenas, seja no mar ou na terra; assim como a observação de aves. São destacadas iniciativas ligadas à educação formal e à práticas de lazer e cultura da população idosa e infanto-juvenil vêm oportunizando o conhecimento e a apropriação do espaço e, por meio de materiais artísticos-pedagógicos, roteiros turísticos e oficinas que valorizam as singularidades do espaço natural, a cultura, memória e patrimônio das comunidades indígenas, caiçaras e de matrizes africanas, o que indica um potencial turismo com base comunitária.



Os três geossítios aqui discutidos reúnem vastos elementos de geodiversidade e patrimônio cultural e refletem a interação entre os processos naturais, ocupação humana e evolução social. O sítio arqueológico São Francisco foi uma fazenda que teria operado até a morte de um de seus proprietários, em 1869. O local é próximo a Praia da Figueira e acessível por trilha original da fazenda com pouco mais de 2,3 km e a 300m de altitude, por dentro da Mata Atlântica e totalmente camuflado na chamada Serra do Dom; que, no período da ilegalidade do tráfico de escravos (após 1831) teria sido um ponto comercial entre o além-mar e a economia colonial do planalto paulista, articulando Ilhabela e outros pontos de desembarque de escravizados no continente com outras áreas (Gilda Brasileiro (2025) e Bornal (2025) – comunicações pessoais).

O local é um dos pontos mais emblemáticos da Diáspora Africana no litoral norte paulista e seu reconhecimento pela Unesco (2013; 2014; 2019) e Brasil (2025a) reforça o valor de seu uso público comprometido com a reparação história e justiça social. Sua paisagem geológica é marcada por rochas graníticas pertencentes ao embasamento cristalino da Faixa Ribeira, com idades que remontam ao Pré-Cambriano, representando uma das unidades geotectônicas mais antigas e importantes do sudeste brasileiro (Almeida et al., 1973; Heilbron & Machado, 2003, p. 221).

Este geossítio preserva um amplo acervo arqueológico que vai de milhares de objetos e fragmentos arqueológicos (cerâmica, metais, faianças, grês, vidros, ósseos) à ruínas (reveladoras de técnicas construtivas adaptadas ao meio natural a base de “pedra seca” assentada e posteriormente acabadas e ornamentadas com conchas e barro cozido, sofisticadas em engenharia civil e hidráulica), escavadas e abordadas por Bornal (2008, p. 132) como impressionantes e magníficas.

A interação de construtores com o ambiente costeiro, constituído por processos geológicos e paleogeográficos, reforça o caráter integrador entre os patrimônios geológico e cultural da região do geossítio, revelando a interdependência entre o meio físico e as sociedades humanas ao longo do tempo (Prous, 1992), o que é um dos princípios que fundamentam a concepção de um Geoparque (Unesco, 2021).

Segundo Agostini (*apud* Mattos, Abeu e Guran, 2014, p.30) os objetos encontrados nas escavações atestam as relações [materiais e imateriais] de africanos com a sociedade mais ampla, incluindo livres e pobres pertencentes à população caiçara e indígena local. A proteção de sítios como este dialoga com a concepção de que a conservação da geodiversidade deve integrar também os seus usos culturais históricos.



Na perspectiva da geoeducação, geoconservação e geoturismo, o roteiro explora as ruínas e caminhos de três áreas produtivas: 1) a pedreira, 2) as ruínas da sede, um monumental complexo construtivo erguido sob a técnica de *pedra seca* (blocos de gnaiss empilhados e assentados sem o uso de barro, cal ou qualquer massa) e 3) o sistema hidráulico das canaletas + barragem + aqueduto (que compõe pedra seca e cerâmica cozida). A experiência traz uma contextualização expositiva prévia dialógica, o percurso das trilhas do Sítio e a visita no Museu do Bairro São Francisco, contemplando sua relevância histórica e etnocultural, riqueza geológica, hidrológica, ecológica e outros temas geradores de jornadas pedagógicas alinhados à BNCC e diferentes áreas do conhecimento. A condução de grupos nas trilhas de visitação do Sítio Arqueológico segue as normativas do PESM e possui a cessão de uso de informações e imagens dos visitantes.

O roteiro pedagógico compõe um conjunto de atividades gratuitas propostas pela Secretaria Municipal de Educação até dezembro de 2024, que somado aos outros roteiros pedagógicos desenvolvidos no município (Terra Indígena rio Silveiras, Centro Histórico e Bairro São Francisco), pautou práticas pedagógicas da rede pública municipal como a formação de professores Decolonizando olhares e atitudes, o Fórum Educacional sobre Relações Étnico-Raciais (2 edições) e o Prêmio Prof<sup>a</sup>. Nina de boas práticas e iniciativas de educação antirracista (3 edições).

#### Geossítio Arqueológico do São Francisco

**Representação do sítio com destaque para as áreas escavadas e abertas à visitação pública (01 e 02) atualmente**



Fonte: Bornal (2008)

**Registro da reabertura do Sítio em 01 de julho de 2024**



Fonte: Araujo (2024)

**Detalhe da maquete do sítio exposta no Museu do Bairro São Francisco**



Fonte: Rodrigues (2024)

O segundo geossítio em potencial, Toca do Buraco do Bicho, se situa na rodovia Rio-Santos, próximo às belas praias de Guaecá e Barequeçaba. É uma caverna com uma rala queda d'água e densa vegetação, destacada no Plano Diretor de Turismo 2024-2027 como

local para prática de ecoturismo e popularizada no senso comum por lendas com personagens como uma grande serpente predadora de tripulações marítimas que circulavam o território em disputa no período colonial e a figura histórica do Padre Anchieta, que percorreu o litoral paulista (Canal Caiçara, 2020)

A Toca representaria um local do medo e controle de indígenas e africanos em período de domínio europeu colonial escravocrata da região. De acordo com Brilha (2005), o valor cultural da geodiversidade manifesta-se quando a sociedade estabelece vínculos simbólicos e históricos com as feições naturais, o que pode justificar sua inclusão como parte integrante do geopatrimônio analisado neste trabalho.

#### Geossítio Toca do Buraco do Bicho



Fonte: Andrielle Sanchez, (2016)



Fonte: Blog da aventura (2016)



Fonte: Circuito Litoral Norte (2025)

Ainda que a seleção de sítios da geodiversidade do município de São Sebastião de Arruda (2017, p. 236) tenha atribuído a classificação de *baixo interesse geocientífico* para a Toca do Buraco do Bicho, considerando os critérios de baixo potencial didático e/ou interpretativo e elementos geológicos recorrentes; é possível atualizar seu potencial considerando a análise da própria autora, que ressalta a importância de inventários que associam patrimônio geológico e cultural para o subsídio de rotas ecoturísticas, fortalecendo o potencial de divulgação geocientífica e oportunizando o geoturismo em áreas urbanizadas na região.

Nesse sentido, a *Toca* pode ser qualificada não somente como a caverna lendária alvo do turismo cultural, mas representar a associação entre o caráter litológico da região costeira e as técnicas construtivas dos patrimônios materiais históricos coloniais do município; sendo reinterpretada como um *laboratório* da geologia e da paisagem produtiva do passado construtivo baseado em técnicas como “pedra seca” e “pedra e cal”. Assim, o uso de informações litológicas do patrimônio cultural construído é uma forma de diversificar e aprimorar o turismo, além de subsidiar o uso didático voltado para educação em geociências, de acordo com a própria autora.



A ilha do Montão de Trigo é habitada por uma pequena comunidade tradicional caiçara; apresenta grande beleza cênica em suas formações rochosas e piscinas naturais e é favorecida pelas facilidades do transporte náutico saindo das praias de Juquehy e Barra do Uma, distantes 10 km. Com geocronologia estimada de até 86,5 milhões de anos de suas rochas, *Montão* possui geologia pertencente à Província Alcalina Serra do Mar, com manifestações alcalinas intrusivas do Cretácio; associação petrológica do tipo sienítico-gabróide e diversidade mineralógica com tipos hololeucocráticos e ultramáficos (Menegatto, 2020, p. 11).

Na linha da costa, as rochas alcalinas não apresentam o embasamento Pré-Cambriano granítico-gnáissico da Serra do Mar, e sim rochas de caráter plutônico. As manifestações subvulcânicas incluem também uma brecha magmática na forma de um pipe que corta as rochas máficas. Rojas (2000, p. 57) sugere que as rochas da ilha são de natureza intrusiva e resultaram de sucessivos pulsos magmáticos, com um material magmático alcalino intrusivo e cristalizado de composição provável de basalto e/ou basalto alcalino que adentram o embasamento granítico/gnáissico do Complexo Costeiro. Ainda, a beleza do geossítio é composta por uma brecha sustentada por uma matriz afanítica, rica em sulfetos, com fragmentos arredondados de rochas máficas e ultramáficas e do embasamento granítico-gnáissico de até 2 metros de diâmetro (Rojas, 2000, p.76).

Essas paisagens excêntricas do geossítio oferecem ainda piscinas naturais marinhas de cores e texturas maravilhosas. Conforme aponta Gray (2004, p. 15), a geodiversidade inclui não apenas rochas e minerais, mas também processos ativos que modelam as paisagens naturais, sendo, portanto, essenciais para estratégias de geoconservação. Assim, neste trabalho se considera a potência do viés do geoturismo a partir de experiências imersivas que levem o público a visitar a ilha, comparando sua geologia e geomorfologia com as bordas continentais de São Sebastião, destacando as diferentes, semelhanças e singularidades da ilha, tanto em termos geofísicos mas também contemplativos em relação às paisagens e as estratégias de adaptação da comunidade monteira, que baseada na pesca e sem possuir praias, demonstra formas específicas de habitar e se deslocar da ilha, como as estivas construídas sobre as rochas da costeira.



## Geossítio ilha Montão de Trigo

### Perfil topográfico da ilha Montão de Trigo



Fontes: Menegatto (2020)

### Ortofotografia da ilha



Fontes: Menegatto (2020)

### Vista parcial da ilha Montão de Trigo



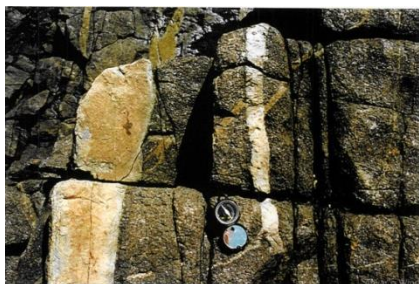
Fonte: Nautica (2024)

### Atracadouro com suas estivas características, assentadas sobre rochas ultramáficas



Fonte: Pereira (2016) apud Menegatto (2020)

### Dique microsienítico e sistema de falhas subparalelas verticais deslocando dextralmente um pequeno dique félsico



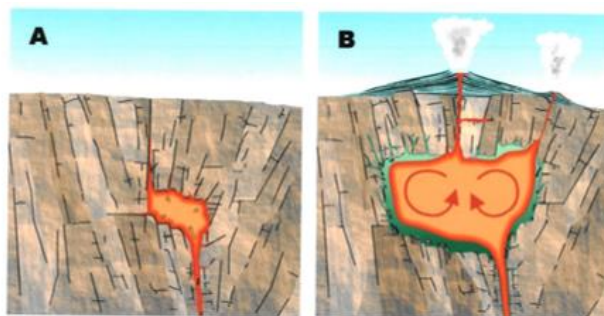
Fonte: Rojas (2020)

### Blocos de nefelina sienito I apresentando erosão em caneluras, blocos soltos que ultrapassam 10 m de diâmetro



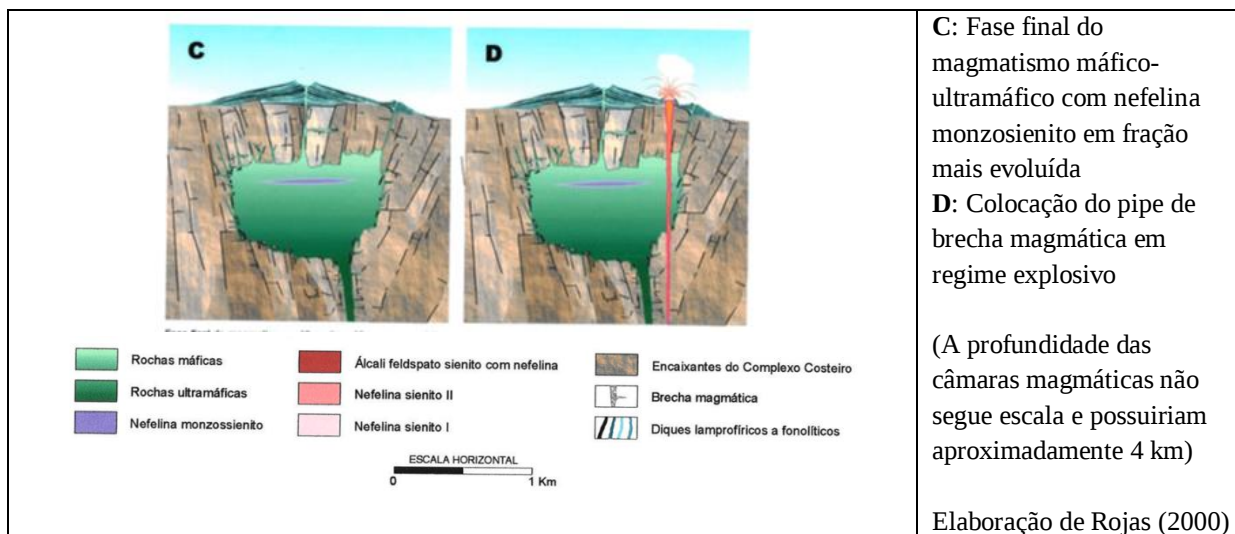
Fonte: Rojas (2020)

### Seções esquemáticas da evolução geológica da associação de rochas alcalinas de Montão de Trigo



**A:** Distensão da crosta e início da colocação do magma basanítico/basalto alcalino

**B:** Desenvolvimento da câmara magmática alimentando possíveis vulcões em superfície e cristalização das rochas máficas e ultramáficas cumuláticas



## A experiência pedagógica decolonial e antiracista no Sítio Arqueológico do São Francisco

O *geossítio* do São Francisco é um dos pontos mais emblemáticos da Diáspora Africana no litoral norte paulista. Encravado na escarpa da Serra do Mar, possui área aproximada de 1.000.000 m<sup>2</sup>. Escavado a partir da década de 1990 na perspectiva da arqueologia da paisagem (Bornal, 2008, p. 2) preserva ruínas *intrusivas* de estruturas e edificações de uma antiga fazenda do século XIX e um rico acervo de fragmentos e artefatos, além de paisagens singulares, mitos, lendas e mistérios. O local conectou São Sebastião às rotas da escravidão legal e ilegal e evidencia a diversidade étnica que compõe a miscigenação da população brasileira (Bornal, 2008, p.11; Agostini, 2011, p.33).

Situado em uma Unidade de Conservação de Proteção Integral e administrado pela Fundação Municipal de Cultura, sua paisagem geológica é marcada por rochas graníticas pertencentes ao embasamento cristalino da Faixa Ribeira, com idades que remontam ao Pré-Cambriano. Essa região faz parte do cinturão orogênico que se desenvolveu ao longo do Ciclo Brasileiro (aproximadamente entre 900 e 500 milhões de anos atrás), representando uma das unidades geotectônicas mais antigas e importantes do sudeste brasileiro (Almeida et al., 1973; Heilbron & Machado, 2003).

Os afloramentos graníticos que compõem o substrato da área são altamente resistentes à erosão, o que contribuiu para a preservação de evidências arqueológicas milenares associadas à ocupação humana pré-colonial do Litoral Norte paulista, como sambaquis e vestígios líticos, identificados ao longo da costa dos municípios da região (Gaspar, 1998, p. 53).

O valor cultural do geossítio do São Francisco está intimamente ligado à presença de diversidade étnica africana e de vestígios arqueológicos que registram a ocupação e o uso produtivo da fazenda, modos de vida, valores estéticos coloniais no litoral, técnicas construtivas, práticas alimentares e relações de interação com o ambiente, indicando algumas das influências culturais e miscigenação entre grupos indígenas, africanos e brancos litorâneos (Bornal, 2009; Agostini, 2011). Nesse sentido, destaca-se sua relevância no debate atual onde Agostini e Pinheiro (2021, p.3) colocam a necessidade do multiperspectivismo na abordagem sobre escravidão no atlântico sul.

No geossítio do São Francisco, ampliar as apreensões e os significados da interação entre a sua diversidade étnica de matriz africana que por ali passou e viveu com o ambiente costeiro da Serra do Mar é reforça o caráter integrador entre os patrimônios geológico e cultural da região. Essa abordagem faz com que o local seja não apenas um atrativo para o ecoturismo ou repositório de informações arqueológicas, mas também um exemplo vivo da interdependência entre o meio físico e as sociedades humanas ao longo do tempo (Prous, 1992), o que é um dos princípios que fundamentam a concepção de um geoparque (UNESCO, 2021).

Seu reconhecimento pelo IPHAN e iniciativas internacionais, como o Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil (Mattos, Abreu e Guran, 2014), no âmbito do Projeto Rota do Escravo: Resistência, Liberdade, Herança (UFF/Unesco, 2013) reforçam o valor de seu uso público comprometido com a reparação história e justiça social.

Esses esforços vêm conquistando o espaço de políticas públicas, como a publicação “Lugares de Memória Negra e Africana no Brasil” pelo Ministério dos Direitos Humanos (Brasil, 2025a), conduzida pela Coordenação-Geral de Memória e Verdade da Escravidão e do Tráfico Transatlântico de Pessoas Escravizadas (CGMET), que baseada no inventário da UFF/UNESCO (2013) está viabilizando a sinalização dos 100 lugares e já disponibiliza este mapeamento na plataforma virtual do Observatório Nacional dos Direitos Humanos (ObservaDH).

Outras evidências recentes deste fortalecimento para um (geo)turismo decolonial são o decreto federal n.12277/2024 (Brasil, 2025b), que cria o Programa Rotas Negras para impulsionar o afroturismo no Brasil, valorizar a cultura afro-brasileira e promover o desenvolvimento sustentável de comunidades negras; a publicação do Guia Afroturismo São Paulo, com 10 roteiros do Estado de São Paulo (São Paulo, 2025); e o Mapeamento do Ecossistema do Afroturismo realizado pelo Ministério do Turismo (Brasil, 2025c).



Recentemente reaberto à visitação pública, em 01 de julho de 2024, o geossítio do São Francisco passa por novas estruturas para o desfrute e receptivo turístico. O atrativo é operado por monitoria credenciada pelo PESH realizada de forma autônoma ou por agências de receptivo turístico, que operam diferentes segmentos como turismo histórico, turismo cultural, turismo pedagógico, ecoturismo e turismo científico.

Para além da riqueza patrimonial material deste ecomuseu, perceptível por seu rico acervo de fragmentos e objetos líticos, ósseos, metálicos, utilitários variados (cerâmicas, faianças, grês e vidros), o geossítio preserva construções monumentais *extrusivas* sobre o terreno da Serra do Dom que qualificam a interação das relações entre os ocupantes e (sobre)viventes da antiga fazenda e o geopatrimônio local. Neste trabalho, apresentamos alguns pontos destacados no roteiro pedagógico que notoriamente despertam curiosidade, reflexões e problematizações sobre o período colonial, suas narrativas eurocentradas hegemônicas e as múltiplas facetas do desenvolvimento socioeconômico brasileiro baseadas na lógica escravocrata, bem como sobre a diversidade étnica que compõem as matrizes africanas da nossa sociedade, sua ancestralidade e formas de saberes e fazeres.

## A pedreira

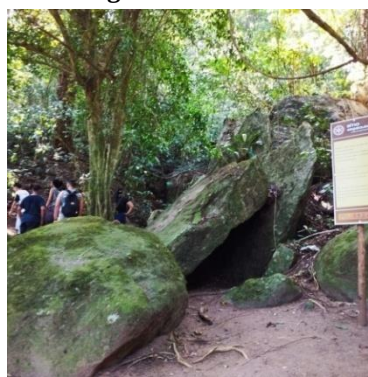
Área próxima ao pátio central, um dos espaços produtivos de onde se extraíam as rochas para manipulação e usos construtivos. A contemplação da área provoca os visitantes a refletirem sobre as características das formações rochosas graníticas-gnáissicas ali presentes, a geomorfologia e a declividade do terreno; que desafiam a mobilidade de materiais e pessoas e as técnicas construtivas do geossítio, preservadas em muitas das ruínas. A geologia é explorada no roteiro a partir de sua origem, idade e formação, sendo reforçada a conexão entre América e África a partir de Gondwana, além da Diáspora Africana.

### Pedreira do geossítio São Francisco

**Afloramento de gnaiss com  
cicatrizes de retirada de matéria  
prima**



Fonte: Bernal (2009)



Fonte: Araujo (2024)



Fonte: Araujo (2024)

## As ruínas

O complexo construtivo da área 02 representa as estruturas de moradia, produção e negociação. Revelados por Bornal (2008), os três patamares se somam ao forno, situado na lateral e poucos metros abaixo, apresentam vista ampla do canal de São Sebastião e Ilhabela (município vizinho), suntuosidade e imponência e despertam surpresa aos visitantes após subirem os quase 2 km em meio à mata. Com muros de arrimo de aproximadamente 4 metros de altura, bom estado de conservação e convidativas à contemplação, as ruínas apresentam um grande pátio a céu aberto, assentado com grandes blocos rochosos; um patamar intermediário com dois salões inicialmente significado como capela por Bornal, porém atualmente sendo revisto como uma possível senzala de escravizados “domésticos” ou até um armazém, considerando novas documentações encontradas e em fase de transcrição (Bornal, comunicação pessoal, 2024; 2025).

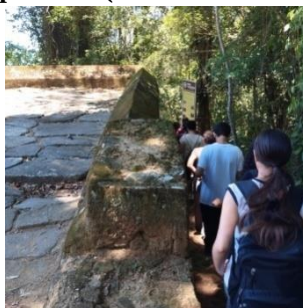
Finalmente, a casa “de morada”, que reúne tanques abastecidos por aqueduto, acesso para a área 3 e para o forno de melado e produção de açúcar. Não é objeto deste trabalho explorar os detalhes das ruínas ou caracterizar suas estruturas, assim algumas fotos ilustram o cenário e as paisagens.

**Suporte de granito trabalhado na técnica de pedra aparelhada**



Fonte: Bornal (2008)

**Acesso ao primeiro patamar (caminho de volta)**



Fonte: Araujo (2024)

**Segundo patamar**



Fonte: Araujo (2025)

**Segundo patamar do principal complexo construtivo**



Fonte: Simoni Moreira Leite (2024)

**Trecho adiante da Pedreira próximo ao complexo construtivo de patamares**



Fonte: Araujo (2025)

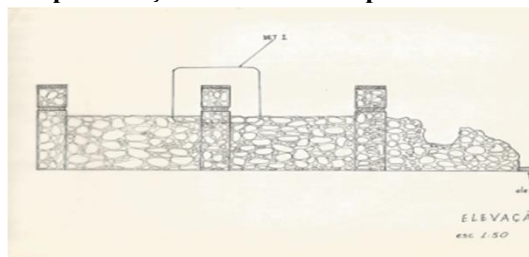
**Amostra de fragmentos arqueológicos encontrados no sítios (utilitários de cerâmica e faiança)**



Fonte: Araujo (2025)

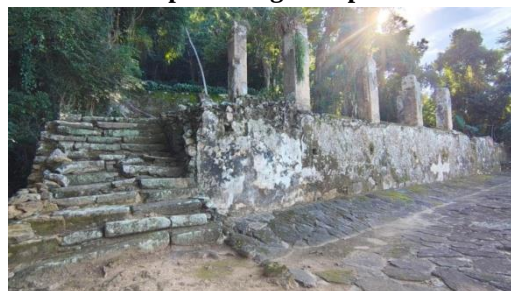


### Representação da técnica da “pedra seca”



Fonte: Reserva técnica Museu do Bairro São Francisco, autoria desconhecida (sem data)

### Escada para o segundo patamar



Fonte: Araujo (2025)

### Rã grávida esculpida adornando barbaça no muro do segundo patamar



Fonte: Araujo (2024)

### Vista do segundo para o primeiro patamar



Fonte: Araujo (2024)

### Oratório situado no segundo patamar



Fonte: Araujo (2024)

### Destaque do parol para caldo da cana a ser cozida no forno



Fonte: Araujo (2024)

### Destaque de banco de pedra situado na entrada da casa ‘de morada’



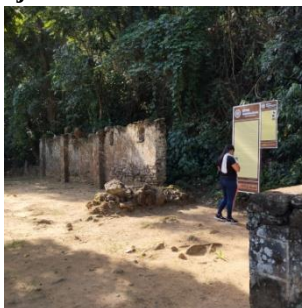
Fonte: Araujo (2024)

### Detalhe do muro da casa de morada



Fonte: Araujo (2025)

### Detalhe do tanque, do muro e janelas da casa de morada



Fonte: Araujo (2025)

### Detalhe de peças expostas (Marcas da Alma)



Fonte: Araujo (2025)

## **As canaletas e barragem central**

Rede de drenagem construída a partir de calhas de cerâmica, que conectam diferentes cursos d'água do geossítio canalizando fluxos para a antiga barragem da fazenda. Na trilha, é possível percorrer trecho em que se observa a sinergia e respeito à elementos do ambiente natural - como declives, afloramentos de rochas e raízes de grandes árvores (como no ponto de parada diante da Grande Figueira das canaletas), ocorrendo desvios na canalização artesanal feita em barro cozido e preservada há aproximadamente 200 anos, sinuosamente adaptada ao terreno e suas geofeições. Brilha (2005) ressaltou que a geodiversidade é determinante para a evolução da civilização, ao citar a disponibilidade de alimento e abrigos, as condições climáticas e materiais para as construções. Isto confirma o valor científico, didático e turístico do geossítio Arqueológico do São Francisco.

**Detalhe de trecho das canaletas  
que drenam cursos d'água para a  
antiga barragem**



Fonte: Araujo (2024)

**Canaleta esculpida em  
afloramento rochoso**



Fonte: Bernal (2008)

**Destaque do muro duplo de contenção da  
barragem destruída**



Fonte: Bernal (2008)

**Evidencia de encaixe de comporta**



Fonte: Bernal (2008)

Vale mencionar que o roteiro é complementado por reunião de preparo para a subida ao geossítio expositiva e dialogada e a visita ao Museu do Bairro São Francisco, que mantém a exposição Marcas da Alma com exemplares cerâmicos do geossítio (montada há mais de 10 anos e com circulação nacional) e uma maquete do geossítio, onde os grupos podem

contemplar de forma ampla parte da complexidade do geopatrimônio, relevo e ruínas das construções da antiga fazenda de comercialização de escravizados.

### **Arqueologia viva e caiçara, descobrindo fragmentos que brotam da terra**

Um dos diferenciais do roteiro é a possibilidade de observação de fragmentos arqueológico que literalmente surgiram do chão. De acordo com a geologia e morfodinâmica da região, apesar de baixa susceptibilidade à erosão superficial, ocorrem escorregamentos naturais decorrentes da alta pluviometria e inclinação acentuada das vertentes (Santos, 2004, apud Bornal, 2008). A partir deste contexto, na rotina de manutenção dos técnicos de campo, que de forma protocolar recolhem e reacomodam os fragmentos aluviões de forma adequada; ocasionalmente permite que os grupos em visita possam observar as peças encontradas. Sem dúvida, este diferencial desperta encantamento. Por meio da apreensão prática visual, os visitantes se percebem de forma ativa num momento de revelação arqueológica. Tal situação não é rara, o que qualifica em muito a visita, ao permitir as reflexões em torno da dinâmica geomorfológica, pedológica e hidrometeorológica do local, bem como da riqueza arqueológica ainda não escavada e catalogada, portanto, em devir.

Uma das premissas do roteiro foi e deve ser a valorização da experiência desses profissionais que atuam na conservação e manutenção do Sítio há mais de 20 anos. A equipe, formada por caiçaras do Bairro São Francisco, comunidade tradicional do entorno do Sítio, foi incorporada e treinada pelos arqueólogos responsáveis pela descoberta e escavação desde a década de 1990. Hoje, esses profissionais são referência na região pelo notório saber em arqueologia de campo e possuem um denso acúmulo de interações com o geossítio, seja nos conhecimentos do ambiente, suas estruturas, características e dinâmicas; seja por protagonizarem atividades pedagógicas, culturais e a condução de grupos; o que endossa a potencialidade do local para impulsionar a geoconservação, uma geoeducação e o geoturismo comprometidos com a valorização do geopatrimônio local. Este fator incrementa mais ainda a potencialidade dos geossítios apresentados, se valorizados os conhecimentos acumulados e o protagonismo dos povos tradicionais caiçaras e de matrizes africanas no fazer-turismo do município.

O reconhecimento do notório saber desta equipe, que de forma muito generosa, gentil e competente vem auxiliando a monitoria para uma exploração consciente e segura deve ser fomentado, além de também potencializar a consolidação do turismo de base comunitária de São Sebastião.

**Situações onde se exploram as características geológicas, pedológicas e climatológicas que favorecem o surgimento de fragmentos arqueológicos do geossítio do São Francisco (destaque para louças, cerâmicas e metais)**



Fonte: Araujo (2024; 2025)

Na perspectiva da valorização da memória da Diáspora Africana no Litoral Norte paulista e do fortalecimento: 1) do geopatrimônio local, 2) da educação patrimonial, 3) da educação antirracista e 4) da cultura tradicional caiçara, a experiência com o roteiro constatou um certo desconhecimento do sítio por parte da população local e regional. Em partes, isso se deve ao período em que o local permaneceu fechado mesmo após o seu reconhecimento pelo IPHAN e Unesco. Portanto, é necessário se atentar às fragilidades no direito à memória e acesso ao patrimônio socioambiental brasileiro. Por outro lado, o alto grau de encantamento e satisfação dos visitantes, que se deslumbram com a experiência de reconexão com o continente africano tanto em termos geológicos quanto etnoculturais e histórico-sociais, reforçam a atualidade em se potencializar o geossítio com um local singular e de grande importância para a memória e patrimônio a ser explorado pelo geoturismo associado à aspectos culturais, litorâneos, afrodiaspóricos, ecológicos, ambientais e educativos na perspectiva decolonial (São Sebastião, 2024).

Não foi objetivo deste trabalho realizar um inventário ou levantamento do patrimônio geológico de valor científico. Porém, a dissertação de Prochoroff (2014) sobre o geopatrimônio e estratégias de geoconservação em Ilhabela, município arquipélago vizinho de São Sebastião, corrobora com a pertinência de desdobramentos nesse sentido. Os resultados da quantificação do patrimônio geológico da autora considerando critérios e valores com



interesses científicos, didáticos e turísticos e a partir da adaptação dos métodos europeus de Ângela Garcia-Cortés & Luis Carcavilla Urqui (2009) e de Brilha (2005) e do Sistema Geossit - compilado pelo Serviço Geológico do Brasil (CPRM); podem ser válidos para futuros aprofundamentos e novos trabalhos sobre os três geossítios aqui discutidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se inspira na interpretação das paisagens sebastianenses para além do turismo de sol e praia e viés histórico colonial, vislumbrando uma qualificação da apropriação da comunidade tradicional caiçara e de matrizes africanas. A análise descritiva e propositiva para as três áreas em São Sebastião, SP, poderá subsidiar a formulação de boas práticas replicáveis para outros sítios com características semelhantes, assim como contribuir para a gestão do uso público de UCs.

O Sítio Arqueológico do São Francisco foi abordado a partir das experiências da monitoria turística que em 2024 compôs as atividades das políticas públicas para uma educação antirracista na rede municipal e pretende colaborar para a economia do turismo decolonial na região. No caso de *Montão*, potencializar esse protagonismo a partir do geoturismo pode contribuir para as atividades da comunidade *monteira*, que há gerações ocupa a ilha e recebe turistas embarcados para consumo de bebidas e pratos a base de frutos do mar e peixes no bar instalado no costão. No caso da Toca, espera-se colaborar com a diversificação do turismo de massa realizado nas praias vizinhas, a partir do fomento de atividades pedagógicas práticas na gruta - referência de muitas lendas da cultura popular local; com vistas a ampliação dos roteiros pedagógicos da rede pública municipal de ensino, e de forma geral, à geoconservação e exploração qualitativa do turismo histórico-cultural decolonial valorizando os sistemas construtivos pré-republicanos a partir de gnaisses. Para isso, é fundamental maior consistência do *trade* turístico e estruturação do local com vistas a garantir o direito ao acesso à memória da diáspora africana no litoral paulista.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINI, C. Mundo Atlântico e Clandestinidade. **Dinâmica material e simbólica em uma fazenda litorânea no sudeste, século XIX**. Tese de doutorado, Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2011.

AGOSTINI, C; PINHEIRO, F. Arqueologia do mundo moderno” e multiperspectivismo na abordagem sobre escravidão no atlântico sul. **VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, Volume 15, Número 2: 2021.

ARRUDA, K. P. H. **A geodiversidade como recurso territorial: fundamentos e diretrizes para uma proposta de geoconservação no Seridó Potiguar**. 225 f. Tese (Doutorado em Geociências) – Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BRASILa. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Lugares de Memória Negra e Africana no Brasil/Observatório Nacional de Direitos Humanos**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2025/abril/mdhc-divulga-mapeamento-de-100-lugares-que-guardam-a-memoria-negra-e-africana-no-brasil> (acesso em 25 de julho de 2025)

BRASILb. Decreto n. 12277 de 29 de novembro de 2024. **Programa Rotas Negras**.

BRASILc. Ministério do Turismo. **Mapeamento do ecossistema do Afroturismo** (Projeto 914BRZ4024 UNESCO – Consultora Thais Rosa Pinheiro), 2025.

BRILHA, J. Patrimônio Geológico e Geoconservação: a conservação da natureza na sua vertente geológica. Braga: **Palimage**, 2005.

BORBA, A. W. Geodiversidade e geopatrimônio como bases para estratégias de geoconservação: conceitos, abordagens, métodos de avaliação e aplicabilidade no contexto do Estado do Rio Grande do Sul. **Pesquisas em Geociências** [Porto Alegre], v. 38, n. 1, p. 3-13, 2011.

BORBA, A. W.; SELL, J. C. Uma reflexão crítica sobre os conceitos e práticas da geoconservação. **Geographia Meridionalis**, [Pelotas], v. 4, n. 1, p. 2-28, 2018.

BORNAL, W. G. **Sítio histórico São Francisco: um estudo sob a ótica da arqueologia da paisagem**. Tese (Doutorado em Arqueologia), São Paulo: USP, 2008

ROJAS, E. G. **Geologia e Química mineral da Ilha Monte de Trigo, Litoral Norte do Estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Mineralogia e Petrologia) - Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: **Atlas**, 2008.

GRAY, Murray. Geodiversity: valuing and conserving abiotic nature. **Chichester: John Wiley & Sons**, 2004.

MATTOS, H; ABREU, M.; GURAN, Milton (orgs.). Inventário dos lugares de memória do tráfico atlântico de escravos e da história dos africanos escravizados no Brasil. **Niterói: PPGH-UFF**, 2014. 120 p. Disponível em: [http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/inventario\\_trafico\\_labhoi.pdf](http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/inventario_trafico_labhoi.pdf). Acesso em 05 de novembro, 2024.

MENEGATTO, M. S. A Ilha Montão de Trigo (SP): do inventário geográfico à modelização gráfica. **Confins**, n. 46, 2020.



SÃO SEBASTIÃO, Prefeitura Municipal. LEI COMPLEMENTAR Nº 311/2024. **Plano Diretor de Turismo 2024-2027** do Município da Estância Balneária de São Sebastião.

SÃO SEBASTIÃO, Secretaria Municipal de Educação. Programa de Enriquecimento Curricular. **Relatório 2024**, 2024.

PROCHOROFF, R.. **Patrimônio geológico de Ilhabela-SP: estratégias de geoconservação**. São Paulo: IGC, USP, 2014.

SÃO PAULO. Secretaria de Turismo de Viagens. **Guia do Afroturismo de São Paulo**, 2025.

UNESCO. **UNESCO Global Geoparks: Guidelines and Criteria for Membership**, 2023.

UNESCO. **Culture**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.unesco.org/new/en/culture/>. Acesso em: 08 março, 2025.

#### **Sites acessados:**

**CANAL CAIÇARA**. A lenda do Bicho. [S.d.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=yW0mkw9Byaw>. Acesso em: jul. 2025.

**SANCHEZ, A.** Álbum Flickr, 2016. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/139137111@N07/albums/72157667709942194/>. Acesso em: jun. 2025.

**BLOG DA AVENTURA**. Toca do Buraco do Bicho, 2016. Disponível em: <https://blogdaaventura.com/toca-do-buraco-do-bicho/>. Acesso em: jun. 2025.

**NÁUTICA**. Ilha Montão de Trigo, 2024. Disponível em: <https://nautica.com.br/ilha-montao-de-trigo/>. Acesso em: jun. 2025.